



Confraria Mística Brasileira

Loja Virtual

Palestra 11 (18/08/2020)

Por Adriana Aranha, Sacerdotisa da Ordem Beth e Membro Ativo da CMB

EFEITO BORBOLETA:

"Você sabia que as borboletas precisam reconstruir os seus corações antes de voar?"

E foi esta frase que me deu a motivação para apresentar esta monografia. Foi a partir do aprofundamento da metáfora de que todo Iniciado é uma borboleta, ou seja, que passa por uma metamorfose até chegar ao ponto de voar e viver uma vida colorida, que parei para entender – do ponto de vista físico/biológico – o que isso significa.

E qual não foi minha surpresa ao estudar as fases da vida da borboleta? Somos sim borboletas, só que Humanas. Não é à toa que grandes mestres como Chuang Tzu (taoísta) em seu conto *"Sonho da Borboleta"*, Raul Seixas (músico) em sua música *"O Conto do Sábio Chinês"*, Lao-Tsé (taoísta) em seu livro *"Tao Te Ching"*, Confúcio (filósofo) no livro *"A Sabedoria de Confúcio, o Rei Sem Reino"*, entre outros, sempre fizeram tal comparação.

Porém serei ainda mais literal para que entendamos a constatação. Quando a borboleta põe seus ovos na planta com melhores condições (elas sentem o "sabor" também pelos pés, logo sabem qual tem os nutrientes necessários para alimentar e também proteger as lagartas) nelas têm células que ficam inertes até que surja o momento da transformação. Neste momento, pós-concepção, a futura borboleta está no "vir a ser". Enquanto lagarta sua única função é comer, comer e comer para assim reservar energia. Quando entende que tem energia suficiente, ela para e se recolhe em um local seguro para se tornar uma "pupa", nesta fase ela quase nunca se move ou come. Então ela cria o casulo para proteger todo o processo que está acontecendo ali dentro da crisálida: uma reciclagem completa... Ali, grande parte do corpo da lagarta é "atacado" pelo mesmo tipo de suco ácido usado para digerir a comida ingerida na fase de lagarta. Quase tudo vai sendo destruído, de dentro para fora, em um processo chamado de histólise. Digo quase porque nem tudo é destruído, uma parte do tecido antigo ainda será utilizado. Algumas células também antigas são do tipo "indiferenciadas", funcionam como nossas células-tronco, que podem se transformar em qualquer tipo. A beleza do processo está no fato de que essas mesmas células permaneceram adormecidas na fase de lagarta e são elas as partes mais importantes da futura borboleta. Para isso, passam por um processo bioquímico chamado de histogênese e é aí que constroem ininterruptamente um NOVO CORAÇÃO, novos músculos e sistema digestivo...



Confraria Mística Brasileira

Durante esse tempo, apesar do *destruens* e *construens* vigentes, a borboleta não pode excretar nada, ou seja, todos os resíduos se acumulam, ela só poderá se livrar deles quando romper o casulo e deixar ali a sujeira. Sair do casulo requer muita energia. O tempo de transformação e emersão varia entre as espécies. Mas quando ela finalmente sai, é livre, suas asas estão “murchas” e molhadas, então ela as expande para bombear o líquido hemolinfático para as veias (da asa) e, então, espera o endurecimento necessário que lhes permite voar.

Perceberam a semelhança do processo espiritual com a borboleta? Todos somos Budas, só que nos esquecemos disso. Assim, por mais que todo o ambiente seja propício e que nossos corpos estejam preparados para o “Despertar”, podemos levar vidas e mais vidas como lagartas, nos entretendo com os prazeres da carne. Porém, uma vez que entendemos que existe algo além e adentramos na Vida Espiritual, criamos nossa crisálida para que ali o processo aconteça e, passado aquele caos, encontrar alívio, respiro, força, reconexão, redescoberta e cura... A verdadeira metamorfose do Cresto que se transforma em Cristo e que, enquanto estiver encarnado, ficará no limite de esperar secar as asas para então alçar o verdadeiro voo rumo à libertação.

O momento é de acolhimento, de restauração, de transmutação. Não só dos outros, mas principalmente de nós mesmos. E se não virão asas físicas, que venham as espirituais, que nos transportemos a outros lugares dentro de nossos muros para então transcender, transgredir bloqueios e então transbordar...

Quando se entende (a si próprio), nos ESTENDEMOS, saímos da forma e damos lugar à fluidez. A inspiração ganha propósito e a expiração também. É o pulso da pausa necessária para ter força para seguir e assim pousar em outras paragens para, após ter aprendido, alçar novos voos. Sabe a tal voz do silêncio? Então, é nesse encontro no escuro que a Luz poderá fazer a conexão da própria Criação.

A dualidade tão presente enfim dará lugar a unidade, onde Espírito e Matéria deixarão de ser separados e, de certa forma, demonizados. Onde o Masculino e o Feminino serão novamente sagrados e a comunhão dos dois deixará de ser um pecado dando acesso direto à Divindade, sem culpa ou proibições. Para tanto, faz-se necessário nos curar e por isso que, assim como acontece com a borboleta, crescer representa um grande desafio.

A palavra "desafio" vem do latim "disfidare" e sabem o que isso significa? O afastamento da própria Fé (DIS - afastamento e FIDES - Fé, confiança). Tudo aquilo que entendemos como desafiador assim o é porque renunciamos à capacidade de acreditar. Desacreditamos de tudo, seja da nossa rede de apoio, da egrégora, da Divindade ou de tudo isso junto.



Confraria Mística Brasileira

No entanto, o oposto disso é "confiar", que também vem do latim "confidere", ou seja, COM FÉ (CON - junto, intensificativo e FIDERE - acreditar, crer, que deriva de FIDES que é Fé). Con-fiar é o mesmo que fiar junto daquilo que acreditamos. Como coautores de uma realidade maior.

Foi justamente nesses desafios dos nossos dias que nos demos conta de nossa vulnerabilidade, de como precisamos aprender a CO-fiar para nos proteger, nos cuidar, olhar com Amor. O antagonismo está no fato de que aquilo que nos fragiliza (nesses e em outros tempos) é o que nos fortalece enquanto grupo, desde que nos livremos das amarras, das máscaras e sigamos com Fé. Confiando no processo e aceitando nossas asas que ainda estão murchas e úmidas.

E é aí que a "Individuação do Ser" proposta por Carl Gustav Jung (1875-1961) passa a ser fundamental, já que consiste no processo de tornar-se um ser único, resgatando o que foi abandonado para corresponder às expectativas sociais do coletivo, mas entendendo que a saúde do todo (desse coletivo), depende da busca de cada indivíduo pelo significado da própria vida. Na concepção de Jung, a Individuação leva a um processo por meio do qual o Ser se torna realmente um "*individuum psicológico*", uma unidade autônoma e indivisível, se tornando uma totalidade, pois acolheu sua Luz, mas também sua sombra. É a realização do "Si Mesmo", do "Self" e este vai além. É como um mistério profundo que precisa ser desvendado, é a manifestação do próprio Deus Interior. Um arquétipo representado por símbolos e que Jung sempre encontrava nos sonhos e fantasias dos seus pacientes (em geral, esses símbolos são formas *quaternárias e círculos*). É um arquétipo porque, o fato de o possuímos, não significa que o caminho se quer esteja em andamento, ainda que o "Self" esteja sempre fazendo esses chamados. A emersão dos símbolos do "Si Mesmo", em geral, acontece em situações determinantes, então, por não saber explicá-los o Ego os enxerga como algo "maior" e por isso fazem tanta diferença na vida do indivíduo quando surgem. Não tem uma regra para esse "Deus", pois como Jung mesmo afirmou, "*cabe à liberdade do homem decidir se 'Deus' é um 'espírito' ou um fenômeno da natureza, como o vício dos morfomanos, e com isto fica definido também se 'Deus' significa poder benéfico ou destruidor*".

A Iniciação é individual e intransferível, porque só depende de você. Mas é coletiva porque afeta o todo. Durante todo o caminho é necessário olhos amorosos e fraternos, para si mesmo e para com o outro, só que isso só se consegue por meio da experimentação, da vivência diária. Não tem segredo, já que assim como o corpo precisa de alimento para se manter vivo e crescer, a personalidade também precisa de experiências próprias para individuar-se.

Em tese, já começamos nossa vida com esse conceito, ainda que não tenhamos consciência. Nosso nome funciona como um mantra e passa a ser um elemento de individualização no coletivo. Tanto que ao reconhecer "firma" no cartório, assumimos



Confraria Mística Brasileira

ali a firmeza da intenção e assim deveríamos fazer com tudo, deveríamos a cada momento em que assinamos nosso nome manifestar nossa Luz e compromisso com o nosso Sol Interior.

Mas para que a Individuação seja real, segundo Jung, o Ego precisa participar ativamente já que é ele quem dita a caminhada, provê a motivação necessária para seguir, mas ele é totalmente seletivo. É o que D^a Helena sempre dizia: vigilância dos sentidos. Somente desta forma o Ego vai unir as experiências à própria Consciência.

O psicanalista afirmava que a verdadeira vida humana é composta por opostos e estes precisam estar juntos, como um só, para que a Alma possa viver em sua totalidade com profundidade e riqueza. É o que ele chamava de *complexio oppositorum* (união de opostos) ou ainda o Madhyamã-Pratipad do Budismo (Caminho do Meio, em sânscrito) e isso só pode ser atingido com o autoconhecimento.

Para um melhor entendimento, no início da vida é o “Self” quem guia nossas ações, conforme vamos crescendo, o Ego vai ganhando forma em cima dessa base arquetípica. A evolução se dá quando o Ego consegue estabelecer a psique como uma totalidade, ou seja, quando, após experiências adquiridas, voltamos ao começo. Por este motivo se fala que o caminho da Individuação é circular já que o ponto de partida é exatamente o ponto de chegada. É o que representa o símbolo de nossa Escola, o *Ouroboros* (serpente que engole a própria cauda), ou seja o *Self* primordial de onde o ego individual emerge mergulhado no inconsciente coletivo, se desenvolve se diferenciando dessa totalidade e até se afastando dela, para depois se relacionar com o *Self* novamente.

Só que não existe um roteiro para esse crescimento cheio de dificuldades – essa é exatamente a beleza de todo o processo – onde seguimos projetando nossas desditas no outro, seja ele, Deus, a família, o trabalho etc. Simplesmente porque quando nos relacionamos com alguém e esse alguém não corresponde ao que entendemos como “o correto a fazer”, o Ego se sente tolhido e reage. Só que aí a desarmonia acontece e ele não tem força para seguir sozinho (daí o grande número de pessoas que iniciam esse processo quando passam por alguma situação limite). É nessa hora que as *personas* perfeitas e encantadoras são abandonadas e existe o confronto com as sombras que existem em nós. Isso incomoda e pode ser perigoso, já que corremos o risco de nos identificar com elas e nos tornarmos destrutivos para nós mesmos e para os outros. Temos que lembrar sempre que a Individuação não visa a perfeição, mas sim a totalidade.

Um exemplo muito interessante desse reconhecimento benéfico aconteceu com o próprio Jung já que por muito tempo ele atendeu um alcoólatra. Mesmo tendo feito tudo que podia, não conseguiu curá-lo. Neste momento ele admitiu sua impotência, seus limites e falta de habilidade e pediu que procurasse uma religião para tentar tratar seu problema. Anos depois ele recebeu uma carta de agradecimento de um dos co-



Confraria Mística Brasileira

fundadores dos Alcoólicos Anônimos agradecendo-o pelo conselho dado ao outro co-fundador. Entendem como essa conexão que Jung tinha consigo mesmo associada à sua ética gerou uma grande repercussão no coletivo? O processo de Individuação não é egoísta, pelo contrário, é fundamental para o todo, já que, me tornando um Ser melhor eu impacto positivamente o coletivo, transformando-o.

A consciência individual quando bem trabalhada é um agente social que transcende a própria individualidade. Nas palavras do próprio Jung: *“A Individuação é o tornar-se um consigo mesmo e, ao mesmo tempo, com a Humanidade toda, em que também nos incluímos.”*

Então repito a frase inicial: ***“você sabem que as borboletas precisam reconstruir os seus corações antes de voar?”*** Até escrever esta monografia, eu não sabia. E foi aí que outra ficha caiu: no meio desta pandemia, estamos em tempos de corações partidos. Muitas crenças sendo confrontadas, muitos paradigmas sendo quebrados, muitos arquétipos sendo abandonados. Nos sentimos órfãos. Crescer dói, evoluir não é tão fácil, abandonar velhos fantasmas que nos acompanham nos faz defrontar a solidão e é exatamente neste momento que, como Buscadores que somos, precisamos **NÃO** nos acomodar com o que nos incomoda e **SEGUIR**, afinal, estamos dentro dos nossos casulos, reconstruindo nossos corações e nos preparando para voar.

“(…) A cultura, e talvez outras pessoas, podem nos dizer mentiras sobre muitas coisas. Mas existe esta nítida verdade: nós podemos crescer e podemos nos libertar, mesmo quando estamos em prisões de muitos tipos ou de qualquer tipo.

***Temos as cinco coisas necessárias para ser ‘livres para sempre’:
o Amor, o Coração, a Imaginação, o Espírito e a Alma
que são somente outras palavras para dizer asas.”***

Clarissa Pinkola Estés

Bibliografia:

- BRASILEIRA, Confraria Mística. *Série Preliminar*. Monografias diversas.
- PATRÍCIA, Karlla. *O que Acontece Dentro do Casulo da Borboleta?*. Disponível em: <https://diariodebiologia.com/2010/05/o-que-acontece-dentro-do-casulo-da-borboleta/> Acesso em: 17 de ago. de 2020.
- PINHEIRO, Luciana. *Luciana Pinheiro*. Disponível em: https://www.instagram.com/luciana_apinheiro/?hl=pt-br Acesso em 16 de ago. 2020.
- ZANESCO, Ana. *Ana Zanesco*. Disponível em: <https://www.instagram.com/danceastrologia/> Acesso em 16 de ago. 2020.
- JUNG, Carl Gustav. *Tipos Psicológicos*. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____ *Fundamentos da Psicologia Analítica*. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008
- JUNG, C., VON FRANZ, M. L., HENDERSON, J. L., JACOBI, J. & JAFFÉ, A. *O homem e seus símbolos*. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.